

ROSARIO CARELLO



Os Abraços de FRANCISCO



Histórias reais e repletas
de ternura dos telefonemas
do Papa a pessoas comuns



nascente

*Para a Bruna e a Miriam,
a ternura na minha vida.*

ÍNDICE

<i>Ao Leitor</i>	11
MÃES	15
Rosalba	17
Anna	25
RITA PAVONE	29
PAIS	37
Rosario	39
Alessandro	47
PRAÇA DE SÃO PEDRO	51
A Agremiação de Reggio Emilia	53
As mãos do Papa nos olhos de Lizzy	59
MARCO PANNELLA	63
A IGREJA DA RUA	71
Refugiados cristãos	73
Presos	77

JOVENS	81
Ester, Mirco e Nicola	83
Escuteiros	87
Stefano	91
EMMA BONINO	95
IRMÃS	101
Irmã Teresa	103
Mosteiro de Lucena	107
PADRES	111
Padre Luca	113
Padre Antonio	117
CRIANÇAS	119
Francesco Maria	121
Giulia	125
UMA ATENÇÃO ININTERRUPTA AO TELEFONE	131
EU SOU ASSIM	139
DIGA AOS JORNALISTAS	139

AO LEITOR

«**U**m Papa que telefona para casa? Que fala ao telemóvel? Nem pensar...»
No início, parecia uma brincadeira, uma invenção dos jornalistas, mas é a pura verdade: quando o Papa Francisco toma conhecimento de uma situação especial, agarra no telefone e faz a chamada.

Fazia-o em Buenos Aires e continua a fazê-lo de Santa Marta.
— É assim que exerço o meu ofício como padre — explica.

Mas o que acontece durante esses telefonemas? Que circunstâncias os precedem? E o que sucede depois?

Este livro relata-o em 20 histórias, todas verdadeiras, que descrevem na primeira pessoa o fenómeno mais original e talvez curioso do pontificado de Francisco, relevando a sua ternura, de que tanto se fala.

Lembram-se de João XXIII? «Quando regressarem a casa, deem carinho aos vossos filhos e digam: este carinho é do Papa.»

Poderemos dizer: o carinho de Bergoglio chega pelo telefone, diretamente, sem intermediários.

É sempre ele a marcar o número e quase sempre tem de explicar que «sim, sou realmente o Papa», porque do outro

lado pensam que é uma brincadeira. Por vezes, o telefone toca sem resposta, pelo que o Papa deixa uma mensagem e depois tenta novamente. Ouve sempre os problemas das pessoas e dá conselhos. Há quem já tenha recebido 25 telefonemas seus.

Nas histórias do livro, nos destinatários das chamadas de Francisco, cada um de nós reconhece um pouco de si: há mães, pais, crianças, jovens, freiras, padres, reclusos, refugiados, personalidades públicas. E cada um aprenderá o que é a «ciência do carinho», de que o Papa fala: uma mistura de aproximação às pessoas e de ternura. Mas atenção: a ternura não está no telefonema em si, não está no ato de «aproximar-se», o ato humilde pelo qual uma figura importante, como o Pontífice, telefona para casa ou para o telemóvel de pessoas comuns. A ternura está no cuidado que cada telefonema, e por isso cada história, de forma original, testemunha e conta.

Na mão de Bergoglio, o telefone torna-se um instrumento de proximidade espiritual, através do qual passam todos os temas do seu pontificado: podemos falar de uma encíclica ao telefone, pormenorizada quotidianamente, caso a caso, situação a situação.

Nos seus telefonemas, existe sempre uma grande dedicação, sendo todos baseados na história pessoal de quem os recebe e na do mundo: da alegria pelo nascimento de uma criança, ao drama dos refugiados cristãos, à dor e à esperança após um tremor de terra.

«Quando alguém telefona, é porque tem vontade de falar, uma pergunta para fazer, um conselho para pedir. Como padre em Buenos Aires era mais simples. E para mim continua a ser um hábito. Um serviço. Sinto-o profundamente. Claro,

agora não é tão fácil fazê-lo, dada a quantidade de pessoas que me escreve. Mas elas são felizes. E é assim que exerço o meu ofício como padre», explicou numa entrevista ao então diretor do *Corriere della Sera*, Ferruccio de Bortoli.¹

E o primeiro a surpreender-se com a repercussão destes telefonemas é precisamente Francisco, sendo memorável a sua resposta aos jornalistas: «E ainda bem que não são todos os telefonemas que realmente fiz!»

ROSARIO CARELLO

P.S.: Em algumas (poucas) histórias deste livro, o telefone nem sempre está presente. Há encontros na praça de São Pedro. É verdade, o telefone não está sempre presente. Mas a ternura, sim.

¹ «Bento XVI não é uma estátua. Participa na vida da Igreja.» Bergoglio e o primeiro ano como Papa, *Corriere della Sera*, 5 de março de 2014.

MÃES



ROSALBA

«*Sim? Sou o Papa, como está?*»

«**S**empre te perdoei tudo, mas desta vez, não, Deus, desta vez não te perdoo.»
Michele Ferri escreve esta espécie de insulto (na realidade, é um humaníssimo mas desesperado grito) diretamente no *Facebook*. Pode a criatura dar a absolvição ao seu Criador? Não, não pode. E um filho pode revoltar-se contra o pai se a paciência tem limites? É o que faz Michele, revolta-se contra o Pai.

Com quase 50 anos, de Pesaro, em cadeira de rodas, escreve rodeado de fotografias, recordações, que representam a sua via-sacra e da sua família: o acidente de mota aos 17 anos quando fica paraplégico, a morte de um irmão recém-nascido, o desaparecimento recente do pai, a descoberta da doença da mãe. E depois o último drama, terrível, sobre o qual os jornais também escreveram: o seu irmão Andrea foi assassinado no meio da rua, na noite de 3 para 4 de junho de 2013. Uma morte violenta que cai sobre uma família comum.

«Não, Deus, desta vez não te perdoo. Porque te insurgiste contra nós? Porquê todo este mal?»

ANDREA, ATINGIDO POR UM AMIGO

Andrea, o irmão assassinado, era um empresário irrepreensível; com 50 anos e dois filhos, era gerente de postos de combustível. Foi atingido a sangue-frio por um rapaz albanês de 25 anos, Donald Sabanov, que trabalhava com ele numa bomba de gasolina. Naquela noite, para em frente da sua moto e dispara sete tiros. Os primeiros dois não o atingem, e Andrea ganha tempo para largar a moto e correr pela rua numa desesperada fuga a pé. Contudo, o amigo assassino faz pontaria e dispara de novo. Os disparos atingem-no na cabeça e depois, já no chão, nas costas. E é assim que morre. Sabanov ajoelha-se sobre o corpo ofegante. Já fazia parte da casa, pois a família Ferri levava-o sempre de férias. A seguir, acaricia-o, mas não por afeto: está à procura da chave do cofre. Encontra-a e foge.

«Deus, porquê todo este mal contra a nossa família?»
A pergunta de Michele não é apenas um desabafo. É uma colossal pergunta.

«Deus, porque te comportas assim?»

O *Facebook*, no qual expressa estes pensamentos, não é um bom canal para um tema deste género. No máximo, o que recebe? Um ridículo «gosto», que deveria ser um sinal de aproximação, mas que transmite uma falsa dor. E então Michele decide escrever ao Papa. «Talvez me responda», espera. Mas, um segundo depois de enviar a carta, já não pensa mais nisso.

AS DUAS CHAMADAS PARA O TELEMÓVEL

Contudo, passa apenas o mês de julho e, no início de agosto, no dia 6, encontra duas chamadas de um número desconhecido no seu telemóvel. Não dá importância. Mas era o Papa.

No dia seguinte, Bergoglio tenta de novo.

O telefone toca, desta vez Michele atende.

— Sim?

— Sim, olá, sou o Papa Francisco. Como está?

Do outro lado, o silêncio. Então, Francisco recomeça a falar.

— Estou a telefonar, porque li o que me escreveu sobre a sua vida. Fiquei bastante impressionado, Michele; fez-me chorar e tenho aqui a sua carta na minha secretária.

O Papa não esconde a emoção.

— E depois li as suas perguntas a Deus, e devo reconhecer que não tenho uma resposta. A única ação possível é rezar, porque a oração dá conforto.

Falam durante dez minutos.

— Contou-me — explica Michele na *Famiglia Cristiana* — que naquela manhã havia rezado por nós e celebrado a missa pela alma de Andrea. As suas palavras transmitiram grande compreensão e afeto, mas é muito difícil explicar. Porém, posso dizer que me deram esperança e serenidade interior.

AQUELA CONFIANTE PERGUNTA

— Desculpe, Santidade, poderia também telefonar à minha mãe?

Michele solta um suspiro e lança a pergunta.

*

Se pensarmos no Papa como uma figura importante, deveremos estar conscientes de que já fez muito ao telefonar, por isso agradecemos e ficamos por ali. Mas se pensarmos no Papa como um pai, então comportamo-nos como filhos e ousamos ir mais além. Ousamos pedir o impossível. E Michele comporta-se como um filho, por duas vezes: em relação à mãe, porque sabe da sua necessidade de consolação, e ao Papa, porque confia na sua grande ternura.

Assim, Michele, não satisfeito por ter recebido um telefonema do Papa, pede-lhe para fazer outro.

E Bergoglio responde de imediato:

— Pode dar-me o número dela?

Michele dá-lho. E o Papa:

— Não me quero enganar, vou repetir.

O número está correto.

— Então vou já telefonar.

— Santidade, dê-me só um minuto para a avisar, por favor.

Michele receia que a mãe possa pensar que é uma brincadeira.

O diálogo poderá parecer surreal: o Papa que faz um telefonema, que concorda em fazer outro, que confirma se o número está correto, que espera antes de telefonar. Pode parecer surreal, mas é uma extraordinária e lindíssima realidade.

Alguns minutos depois, o telefone começa a tocar em casa de Rosalba Ferri.

— Sim?

— Sim, olá, sou o Papa Francisco. Tomei conhecimento de tudo, o Michele já me contou.

*

Rosalba desata a chorar. Queria falar, perguntar, agradecer, pedir, mas quase não consegue pronunciar uma única palavra. É um telefonema de lágrimas e silêncios. Um longo e comovente choro de Pesaro, recebido em silêncio por Francisco no Vaticano, que ouve demoradamente os soluços, e alguns minutos depois retoma a palavra:

— Rosalba, ouça, telefonar-lhe-ei em breve.

Ela responde com um «obrigada», talvez a única palavra que consegue dizer.

Menos de 20 dias depois, a 25 de agosto, por volta das 11h, o telefone começa novamente a tocar. É um domingo, uma hora antes da abertura da janela do Palácio Apostólico para a celebração do *Angelus*.

— Sim?

— Sim, Rosalba, olá, sou o Francisco, como está?

Desta vez é diferente. Rosalba contém a emoção e consegue falar. Permanece um mistério o conteúdo daquele telefonema, porque ela não gosta de falar disso. É Michele quem o faz.

— A mãe perguntou ao Papa quando iria a Pesaro. E o Santo Padre respondeu-lhe que por enquanto era difícil. Depois, descobriram que nasceram no mesmo ano, em 1936.

Desde então, houve mais telefonemas. Quantos? Muitos. Telefone também eu à senhora Rosalba. É simpática, mas firme.

— Prefiro não falar disso, obrigada.

— Posso só saber quantas vezes o Papa lhe telefonou?
— pergunto.

Rosalba permanece em silêncio.

— Sei que telefonou cinco vezes, não foi?

- Vinte e cinco — diz-me.
- O Papa telefonou-lhe vinte e cinco vezes?
- Sim, mas agora tenho de desligar.

Vinte e cinco vezes (à data de julho de 2016) é sinal de que Francisco quis realmente estabelecer contactos, não se interessa apenas pelo gesto único, para se exhibir; não é aquela autoridade que gosta de estar perto do povo, talvez por generosidade ou apenas por obrigação, como os cantores famosos que estendem, a contragosto, a mão aos fãs durante um concerto. Não, ele é o padre que conforta, o pastor que não abandona o seu rebanho. E provavelmente Rosalba Ferri é a mulher da qual o próprio Francisco fala na entrevista concedida a 5 de março de 2014 a Ferruccio de Bortoli. À pergunta: «Existe um contacto, um encontro [dos seus telefonemas] do qual se lembra com especial afeto?» Bergoglio responde assim: «Uma senhora viúva, de 80 anos, que perdera o filho, escreveu-me. E agora telefono-lhe todos os meses. Ela está feliz. E eu desempenho a minha função como padre. Gosto de o fazer.»

E telefonema após telefonema, o relacionamento vai ficando mais sólido. No dia 1 de maio de 2016, um domingo, poucos minutos depois do *Angelus*, quando toca novamente o telefone dos Ferri e é o Papa do outro lado da linha, Michele fez-lhe um pedido que guarda no coração desde o primeiro dia.

— Santo Padre, podemos encontrarmo-nos consigo pessoalmente? Podemos ir dar-lhe um abraço ao Vaticano?

A resposta é, obviamente, sim.

— Quando? — perguntam-lhe.

— O mais rápido possível — responde. — No próximo domingo é possível?

O domingo seguinte é dia 8 de maio, dia da mãe. O presente mais consolador para Rosalba, que chora a morte do filho.

A CASA DO PAPA

O encontro no Vaticano dura duas horas. É Michele, como sempre, a contar aos jornais o que aconteceu:

— A primeira pessoa a abraçá-lo foi a minha mãe. Beijou-o. Uma emoção sem igual. Depois, nós. Disse-lhe que, se viesse algum dia a Pesaro, convidávamo-lo para almoçar e comer o *tagliatelle* que a minha mãe faz. Foi como falar com o nosso pároco, como se nos conhecêssemos desde sempre, com o mesmo afeto. Mostrou-nos a sala de jantar, onde faz as suas refeições com muitas outras pessoas. Rezámos. Deu-nos a sua bênção. Este encontro foi muito produtivo, mas vamos guardar para nós as informações mais importantes. Disse-me que irá guardar para sempre a minha carta. Tem-na no seu gabinete. Uma carta muito impressionante, repetiu-me. Trocámos presentes. Deu uma Nossa Senhora em cerâmica à minha mãe. E nós também lhe oferecemos uma e um livro de fotografias de Pesaro. E, quando nos despedimos, ajudou-me a levar as nossas coisas para o carro.

Sim, em Santa Marta, num domingo à tarde, o Papa ajudou a levar a bagagem dos seus convidados.

ANNA

«Sim? Ouça, eu batizo o seu menino»

O momento em que a vida de Anna muda completamente é quando um teste de gravidez lhe confirma que vai ser mãe. É uma mulher de 35 anos, divorciada, com um homem a seu lado que diz amá-la.

Ela mantém-se a mesma.

Quem muda é ele:

— Anna, não quero ter mais nenhum filho. Já tenho um e chega. Além disso, sou casado. Para mim, acaba aqui, não me procures mais, e, se queres um conselho, aborta!

Aborta.

A palavra ressoa incessantemente. A cabeça está em ebulição enquanto se vê ao espelho.

— Que faço agora? — Chora. — Meu querido filho, a tua mãe foi abandonada.

«E ela está prestes a abandonar-te», grita uma voz dentro dela (é a isto que se chama consciência?).

É naquele momento, o mais difícil da sua vida, com a decisão já tomada, que se senta em frente do computador e escreve ao Papa. Conta-lhe o que é, o que foi, o amor para si.

Mas também o que é o abandono, a solidão, o futuro que ela não poderá dar a um filho. Uma criança com pouca sorte, que ainda nem veio ao mundo e já está sozinha: porque tem um pai que fugiu e uma mãe que está prestes a fugir.

O MILAGRE

Anna vive em Arezzo, mas uma parte da família está na Puglia. E, enquanto a carta viaja em direção ao Vaticano e chega à residência de Santa Marta, acabando na secretária do Papa Francisco, dá-se um milagre.

Os familiares convidam-na a passar as férias em Gallipoli e, durante aqueles dias junto de quem a ama, acontece o milagre: é o milagre da família. O amor cura a solidão, encarrega-se do abandono, retira o pó do medo, e Anna volta a olhar para o futuro. Descobre que há quem tome conta dela, a proteja e a ame. Reencontra assim a alegria de viver.

«Se isto não é o amor, o que é?», pergunta-se. «E se eu o recebi, também o posso dar.»

E quando, no início de setembro de 2013, o seu telefone toca, Anna já decidira que o menino iria nascer.

— Sim?

— Sim? Anna? Sou o Papa Francisco.

— Pensei logo que era uma brincadeira, mas depois o Papa fez algumas referências à carta que só ele conhecia, assim como os meus pais e a minha melhor amiga — contou ao *Corriere della Sera*.

*

— Anna, li a carta que me escreveu. Quero apenas dizer-lhe que nós, cristãos, não podemos perder a esperança, nunca!

Ela está emocionada, mas os dias passados em Gallipoli deram-lhe força.

— Santidade, estou comovida e muito grata a si. Desde o dia em que lhe escrevi a carta que a minha situação mudou; fiz muitas perguntas a mim mesma, fui muito amada, mas queria fazer-lhe uma pergunta.

— Diga-me.

— Eu vou dar à luz este menino e fá-lo-ei sozinha, porque o pai se foi embora. E porque também sou divorciada. Mas queria muito que o meu filho fosse batizado. Apesar da minha situação, é possível?

— Eu próprio o batizarei.

Quantas vezes fizeram esta pergunta a Bergoglio? Quantas vezes, ainda na Argentina, teve de tranquilizar mães solteiras, abandonadas, que se sentiam culpadas; quantas vezes repetiu que nada nem ninguém poderá retirar o direito do batismo ao menino?

— Anna, ouça-me: se ainda não tiver um padre a seu lado, se não tiver um pai espiritual, estou aqui eu. É só dizer-me. Eu batizarei o seu pequeno.

O que terá acontecido depois, não sabemos. A agência Zenit confirma apenas duas coisas: que quem realmente batizou aquela criança foi o próprio Papa e que Anna lhe deu o nome de Francisco.

A outra certeza é repleta de esperança:

— Que a minha história — contou Anna — sirva de exemplo a muitas mulheres que se sentem afastadas da Igreja apenas porque escolheram o homem errado.

RITA PAVONE*



* Cantora e atriz italiana nascida em 1945, especialmente popular nos anos 1960.

[*N. do E.*]

«*Sim? Sou o Papa. Não,
não é uma brincadeira!*»

Rita Pavone tem o novo disco na mão. Observa-o e volta a observar, e um pensamento começa a ganhar forma: envio-o ao Papa Francisco? É um disco especial, quase 20 anos depois do último, contém uma parte de *gospel*, «que pode ser dedicada a Deus, à beleza e à criação», diz. Mas é o verdadeiro motivo que agrada ao Papa Francisco:

— O Santo Padre conquistou-me de imediato, rendi-me ao seu *buonasera* da varanda de São Pedro. E depois é argentino. E eu nos anos 60 tive um sucesso estrondoso na sua nação: fui inclusive convidada para uma audiência privada na Casa Rosada pelo presidente Arturo Umberto Illia. Tenho a certeza de que o Papa me conhece, de que se lembra de mim e de que sabe quem sou. E já decidi: vou enviar-lhe o disco, com os meus cumprimentos, e conto-lhe um sonho que não consegui realizar ao longo de toda a minha carreira: participar num concerto de Natal no Vaticano.

O disco é enviado.

OLHAVA PARA A CARTA SEM FALAR

— No máximo, esperava uma resposta assinada por um colaborador: «Gentilíssima senhora, recebemos o seu disco, o Santo Padre agradece e manda cumprimentos.» Seria uma grande satisfação.

E no entanto?

— No entanto, recebi, sim, o agradecimento. Mas numa carta escrita e assinada pessoalmente pelo Papa, à mão, com uma caligrafia muito cuidada.

E refere à TV2000 o conteúdo da carta.

— Dizia: «Lembro-me de si, agradeço-lhe o disco. Em relação ao concerto, deixámos de o organizar para nos concentrarmos em iniciativas pastorais.» Na minha opinião, acho que foi uma boa decisão — comenta Rita — e depois no final estava escrito: «Terei o prazer de a receber numa audiência com a sua família.» Eu olhava para a carta sem conseguir falar. Estava escrito um número, telefonei logo e disse: «Quando quiser, estou ansiosa, irei logo!»

Passam algumas semanas.

— Na véspera de Natal, toca o meu telemóvel e vejo que é um número privado. Fiquei irritada e disse: «Todos têm o meu número e, quando me telefonam, omitem-me o seu. De qualquer forma, vou atender: Sim?»

— Sim? É a senhora Pavone?

— Quem fala?

— Sou o Papa Francisco.

— Ia desmaiando! Depois, fiquei logo com uma dúvida: mas será o Santo Padre ou é alguém a imitá-lo? Então disse:

— Se é uma brincadeira, é de muito mau gosto!

— Não, senhora — repetiu-me —, sou o Papa Francisco.

*

— E fez algumas referências à carta, pelo que não havia dúvidas de que era ele. E ia desmaiando novamente.

— Fiquei com um nó na garganta: uma emoção! O Papa Francisco a telefonar-me na véspera de Natal?

— Santidade, é uma honra — digo-lhe —, estou emocionada; todos os anos vou a Lourdes, porque acredito e porque num momento da minha vida sei que me salvaram. — Com um nó na garganta, consegui dizer-lhe tudo isto.

— E ele:

— Seria um prazer encontrar-me consigo.

— Quase sem palavras, apenas consigo perguntar-lhe se posso levar a minha família. E o Santo Padre responde-me:

— Claro que sim.

— E despedimo-nos com desejos de um feliz Natal. Estávamos em 2013.

«A FRASE MARAVILHOSA QUE ME DIZ»

— Voltei para casa e não disse nada ao meu marido, porque ele é um homem entusiasta e não é capaz de guardar segredos, mas tinha de dizer a alguém, pelo que falei com os meus filhos:

— Alex, Giorgio, o Papa telefonou-me! O Papa em pessoa telefonou-me!

— Foi o melhor Natal da minha vida. Depois, passados alguns dias, telefonou-me para marcar a audiência. Nessa altura, falei com o meu marido sobre o assunto e disse-lhe:

— Temos um encontro importantíssimo, por isso arranja-te bem!

— Mas não lhe disse com quem, pelo mesmo motivo de antes.

— Chega o dia 12 de fevereiro de 2014, que é uma quarta-feira. O encontro é à tarde. Quando entramos no Vaticano, o meu marido, que continuava a perguntar-se para onde íamos e quem era a pessoa tão importante, disse-me:

— Vamos encontrar-nos com o Papa?

— Estávamos nós, os nossos filhos e a minha secretária com a sua irmã, que são duas irmãs para mim. Ele entrou e, para dizer a verdade, desperta logo um grande fascínio, deixa-te à vontade, interessa-se por ti. Disse-lhe:

— O Santo Padre chegou no momento exato: está a dar algo que faltava às pessoas, num momento que é muito difícil, triste, mau para o homem, um momento de crise.

— E ele respondeu-me com uma lindíssima frase:

— Em todos os homens, mesmos nos piores, é necessário procurar, porque em todos, no fundo, existe bondade, só que muitas vezes se encontra escondida, por isso é necessário encontrá-la.

— A audiência durou 20 minutos. No final, levantei-me e agradeci:

— O Santo Padre terá muitas coisas para fazer, foi uma honra para mim, o encontro mais bonito da minha vida, nem sabe o que me ofereceu.

A resposta do Papa surpreende-a e comove-a, deixando-a em lágrimas:

— Rita, foi uma honra para mim, porque, com a sua música, fez muito bem a muitas pessoas.

Mas Francisco também conhecia Teddy Reno, o marido de Rita Pavone.

— Nos anos 50, era famoso na Argentina por *Addormentarmi così*, a canção que a um dado momento diz: «Boca a boca, coração a coração» e, por isso, tornara-se quase o hino dos fãs do Boca Juniores, a equipa de futebol de Buenos Aires. O Papa riu muito com ele, falaram também bastante em castelhano de tangos argentinos — e no final, segundo contou à revista *O Meu Papa*:

— Cantámos juntos a *Addormentarmi così*.

«Eu sou assim, sempre agi assim, mesmo em Buenos Aires. Recebia uma mensagem, uma carta de um padre em dificuldades, de uma família ou de um preso, e telefonava. Para mim, é muito mais simples telefonar, informar-me do problema e sugerir uma solução, se esta existir.»

PAPA FRANCISCO



Um Papa que nos telefona para casa? Que fala ao telemóvel? Nem pensar... No início, parecia uma brincadeira, uma invenção dos jornalistas, mas é a pura verdade: quando o Papa Francisco toma conhecimento de uma situação especial, agarra no telefone e faz a chamada.

É sempre ele a marcar o número e geralmente tem de explicar que «sim, sou realmente o Papa», porque do outro lado pensam que é uma brincadeira. Por vezes, o telefone toca sem resposta, pelo que o Papa deixa uma mensagem e depois tenta novamente. Ouve sempre os problemas das pessoas e dá conselhos.

Mas o que acontece durante esses telefonemas? Que circunstâncias os precedem? E o que sucede depois?

Este livro conta-lhe 20 histórias, todas verdadeiras, que descrevem o fenómeno mais original e talvez curioso do pontificado de Francisco, relevando a sua ternura, de que tanto se fala. Nos destinatários das suas chamadas, cada um de nós reconhece um pouco de si: há mães, pais, crianças, padres, reclusos, refugiados, personalidades públicas. E cada um aprenderá o que é a «ciência do carinho».

 <p>inascente o curso da sua vida</p> <p>20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-8855-79-4</p>  <p>9 789898 855794</p> <p>Religião</p>
---	--